

FUTURO DO REAL DEPENDE DE RIGOROSO AJUSTE FISCAL

ENTREVISTA

a Sandro Silveira
Da equipe do Correio

Raul Velloso

"O Plano Real está em uma fase nova. O Brasil saiu da âncora cambial, jogou essa muleta fora porque, em princípio, o dólar está livre. Mas outros componentes básicos do plano continuam presentes"

O discurso do governo e da maioria dos políticos do Congresso é hoje o mesmo de julho de 1994, quando o Plano Real foi lançado. "Precisamos fazer o ajuste fiscal (equilibrar gastos e receitas) para nossa moeda ser forte", diziam. Quatro anos e meio depois, o real ficou mais fraco porque o dever de casa — cortar gastos — não foi feito.

Raul Velloso, doutor em economia pela Universidade de Yale (EUA), já havia alertado para isso. Em setembro do ano passado, ele foi claro: "a crise obriga o governo a fazer um duro ajuste. Caso contrário enfrentaremos o caos e a recessão". O duro ajuste ainda não foi feito. Ele, entretanto, não vê motivos para a inflação voltar.

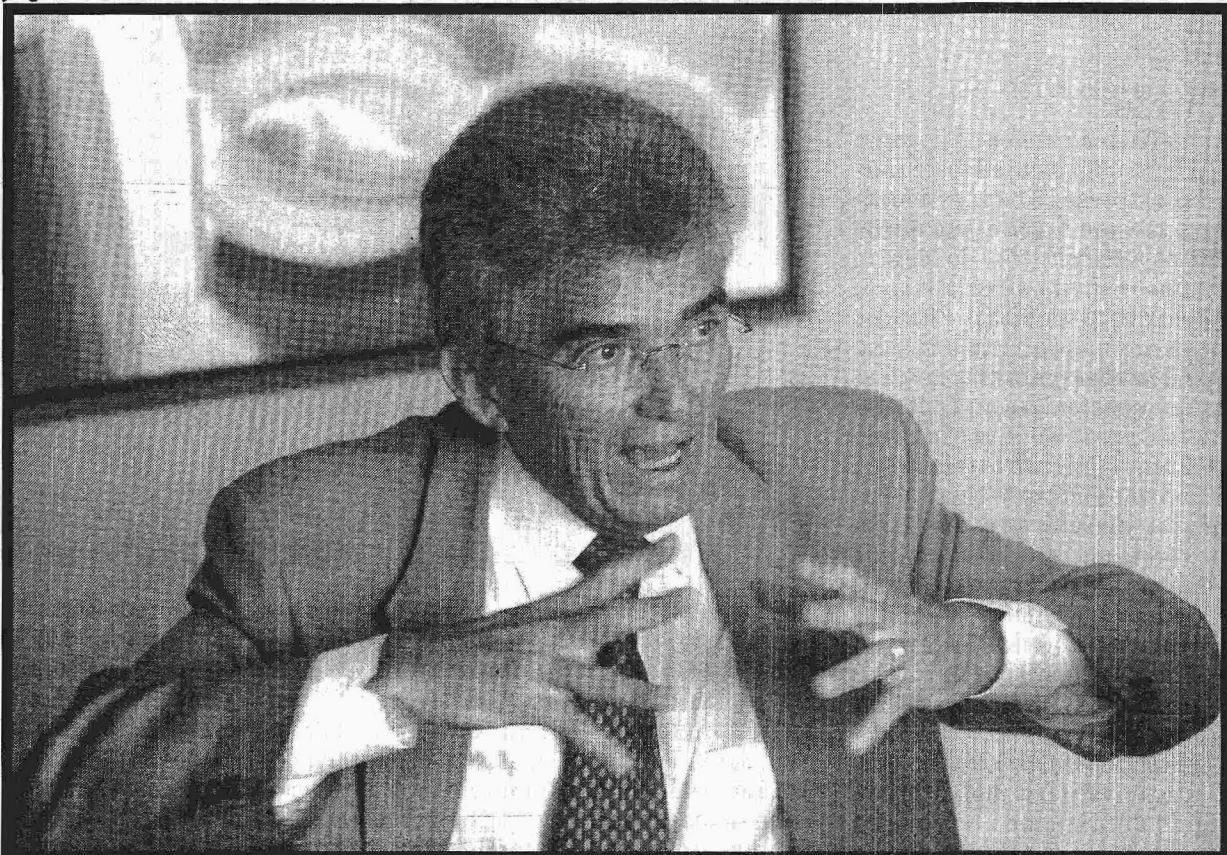
Correio Braziliense — O Plano Real acabou?

Raul Velloso — Não, apenas mudou. O Plano Real está em uma fase nova, pois o governo federal fez uma opção diferente na área cambial. O Brasil saiu da âncora cambial, jogou essa muleta fora porque, em princípio, o dólar está livre. Mas outros componentes básicos do plano continuam presentes. A abertura comercial (para produtos estrangeiros) permanece (é importante para gerar competição entre produtos nacionais e estrangeiros). Além disso, não existem mecanismos de indexação de preços (regras pelas quais um aumento de preço alimenta outro, chega ao salário, que provoca elevação de custos e, num círculo vicioso, gera inflação). São duas coisas básicas para o plano. A rigor, o governo não está mais preso pela camisa-de-força cambial. Antes o câmbio era ajustado e tudo o mais se ajustava em função dele. Agora não. O governo terá que usar a taxa de juros e o ajuste fiscal para controlar a flutuação cambial (variação do real em relação ao dólar).

Correio — Essa nova fase pode trazer a inflação de volta?

Velloso — Atualmente não vejo motivos para isso, mas é preciso evitar grande flutuação cambial. Imaginemos que não ocorram mais desvalorizações expressivas do real, que seja

Jorge Cardoso



Velloso: a armadilha dos juros altos pegou o Brasil em cheio porque o governo não fez o ajuste fiscal há mais tempo

evitada muita flutuação cambial. Num primeiro momento haverá repasse da desvalorização que já aconteceu para os preços de produtos importados, mas não existem mecanismos de propagação da inflação

para outros produtos. Não temos uma lei que obrigue a prática de reajuste automático de salários. Além disso, o mercado está desaquecido (as pessoas não têm dinheiro para consumir muito) e os trabalhadores

estão mais preocupados com a garantia do emprego. A abertura econômica, por outro lado, também evita a propagação da inflação.

Correio — De que depende o sucesso dessa nova fase?

Velloso — Dependerá das políticas monetária e fiscal. O governo terá que usar bem a política de juros para que ela ajude a evitar grande flutuação cambial. A título de exemplo, suponhamos que entrem muitos dólares no país (maior oferta de dólar pressiona a cotação dessa moeda para baixo e a do real para cima). Como isso pode ser temporário, o governo tem que resistir à tentação de mexer no câmbio para baixo — ao contrário do que aconteceu no início do Plano Real, quando o Gustavo Franco (ex-presidente do Banco Central — BC) gostou da valorização do real e depois ficou difícil uma volta à normalidade.

Correio — E a política fiscal?

Velloso — É essencial. Essencial. O real depende de um ajuste fiscal mais do que nunca. Se não for feito, o governo terá que continuar mexendo nos juros. A dívida pública vai continuar aumentando muito. E essa é uma armadilha que nos pegou, justamente porque o governo não fez o ajuste há mais tempo.

Correio — Nesse cenário, quem é responsável pelo futuro do real?

Velloso — O governo, Banco Central, Ministério da Fazenda, do Planejamento e Congresso Nacional... A correção do déficit fiscal, por exemplo, depende de todos. Todos têm que fazer a sua parte.